



DISCUTINDO PRECONCEITO: RELATO DE EXPERIÊNCIA COM ALUNOS DO SEXTO ANO

*Josiane Martins Flores
Beatriz Wardzinski Barbosa
Luan Luongo Gonçalves
Rosângela Silva Gonçalves Nunes
Mirla Andrade Weber**

RESUMO

O preconceito, apesar de ser algo bastante comum, ainda é um assunto pouco discutido. Pensando nisso, o Projeto Educação Ambiental na Escola Municipal Pedro Ferraz Neto em São Gabriel-RS, desenvolvido com os alunos do sexto ano, adotou uma nova estratégia para priorizar situações incomuns na abordagem dessa temática tão polêmica. Esta ação teve como objetivo proporcionar, de forma lúdica e por meio de instrumentos didáticos denominados oficinas, momentos de reflexão e discussão sobre o tema preconceito para alunos de sexto ano de uma escola municipal. As oficinas foram desenvolvidas em três ambientes diferentes. Na atividade "1", utilizando uma sala de aula, com os alunos sentados em círculo, os mesmos receberam informações sobre pessoas de renome que eram/são consideradas minorias, como por exemplo, mulheres, homossexuais, negros e deficientes. Na atividade "2", no pátio da escola, com alunos dispostos em círculo, refletiu-se sobre o desconforto ao lidar com situações desconhecidas. Durante a atividade "3", os alunos enfrentaram situações que alguns deficientes físicos enfrentam em seu dia a dia. Os resultados demonstraram que os alunos gostaram de discutir sobre a temática desenvolvida nas oficinas, pois este tipo de ação possibilita a reflexão do aluno e o respeito em relação ao desconhecido, aliando realidade com a prática. Concluiu-se que as oficinas desenvolvidas sobre preconceito tiveram grande receptividade por parte dos alunos, possibilitando-lhes refletir e discutir sobre preconceito.

Palavras-chave: Extensão universitária. Atividades de intervenção. Discriminação.

DISCUSSING PREJUDICE: EXPERIENCE REPORT WITHSCHOLL SIXTH YEARSTUDENTS

ABSTRACT

Prejudice, despite being something quite common, is still a little discussed topic. Thinking about it, the project Educação Ambiental na Escola Municipal Pedro Ferraz Neto em São Gabriel-RS, developed with the students of the sixth year, adopted a new strategy to

* Doutorado em Ciência do Solo (UFRGS). Universidade Federal do Pampa, São Gabriel, RS, Brasil. Contato: mirlaweber@unipampa.edu.br.

discuss this issue as controversial. The objective of this study was to report the use of workshops as a teaching tool aiming to students reflect and discuss about prejudice. The playful format in activities aimed at contributing to the formation of more critical individuals, solidarity and ethical, to relate the themes of their day to day. The workshops were conducted in three different places. In the activity "1", using a classroom, with students sitting in a circle, they received information about famous people who were / are considered minorities, such as women, homosexuals, black and disabled people. The "2" activity, in the schoolyard, with students in a circle, reflected on the discomfort when dealing with unfamiliar situations. During the activity "3", the students faced situations in which some disabled people face in their day-to-day. The results showed that the students liked the theme developed in the workshops, because this type of action allows student reflection and respect in relation to the unknown, combining reality with practice. It is concluded that the workshops developed had great response from the students, allowing them to reflect and discuss about prejudice.

Keywords: University extension. Intervention activities. Discrimination

DISCUSIÓN DE LOS PREJUICIOS: EXPERIENCIA CON NIÑOS DE SEXTO GRADO

RESUMEN

A pesar de ser algo común, en prejuicio sigue siendo un tema poco discutido. Ante ello, el Proyecto de Educación Ambiental de la Escuela Municipal de Pedro Ferraz Neto en San Gabriel-RS, desarrollado con los alumnos del sexto año, adoptó una nueva estrategia para priorizar situaciones inusuales ante ese problema tan controvertido. El objetivo de este estudio ha sido proporcionar, de forma lúdica y por medio de talleres, la oportunidad de reflexionar y discutir sobre los prejuicios. La forma lúdica de las actividades objetivaba desarrollar la formación de los individuos en cuanto a la crítica, solidaridad y ética al relacionar los temas con su día a día. Los talleres se llevaron a cabo en tres entornos diferentes. En el ámbito "1", en un aula, con los estudiantes sentados en círculo, ellos recibieron información acerca de personajes famosos que eran / son considerados minorías, como las mujeres, los homosexuales, los negros y los discapacitados. En el ámbito "2", en el patio de la escuela, con los estudiantes en un círculo, ellos reflexionaron sobre la incomodidad cuando se trata de situaciones desconocidas. Durante la actividad de "3", los estudiantes enfrentan situaciones en las que algunas personas con discapacidad se enfrentan en su día a día. Los resultados mostraron que los estudiantes les gustaba el tema desarrollado en los talleres, ya que este tipo de acción permite reflexión de los estudiantes y el respeto en relación con lo desconocido, que combina la realidad con la práctica. Se concluyó que los talleres desarrollados sobre prejuicio han recibido gran receptividad de los estudiantes, lo que les permite reflexionar y discutir acerca de los prejuicios.

Palabras clave: Extensión universitaria. Actividades de intervención. Discriminación

INTRODUÇÃO

O preconceito, apesar de ser algo bastante comum, ainda é um assunto pouco discutido. Entretanto, sua abordagem é imprescindível, visto que para [Napolitano e Cardoso \(2007\)](#) o preconceito constitui uma ideia ou uma opinião negativa sobre um grupo de pessoas ou sobre determinado assunto, formada de modo precipitado, sem conhecimento profundo e reflexão necessária. Na maioria das vezes, o preconceito é dirigido a idosos, mulheres, deficientes, pessoas pobres e de diferentes orientações sexuais ([NAPOLITANO; CARDOSO, 2007](#)).

Em 2009, uma pesquisa inédita realizada em 501 escolas públicas sobre Ações Discriminatórias no Âmbito Escolar, desenvolvida pela Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (Fipe) em parceria com o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), revelou que 99,3% dos 18.599 entrevistados possuem algum tipo de preconceito ([MEC, 2009](#)). Cerca de 96,5% têm atitudes preconceituosas relacionadas às pessoas com deficiências, 94,2% têm preconceito étnico-racial, 93,5% de gênero, 91% em relação a geração, 87,5% têm preconceito socioeconômico, 87,3% em relação à orientação sexual e 75,95% têm preconceito territorial. A análise dos resultados cita que a intensidade da atitude preconceituosa é maior em 3 situações: preconceito em relação ao gênero (38,2%); preconceito perante os idosos (37,9%) e quando se trata de pessoas com deficiência (32,4%).

O preconceito também ocorre na escola e com crianças e, muitas vezes, é despercebido neste ambiente ([COQUEIRO, 2008](#); [JORAS et al., 2014](#); [SANTOS; SANTOS; SOUZA, 2014](#)). Pensando nisso, se a diferença é vista como o mais importante, a melhor forma de trabalhar o preconceito é por meio da educação, que contribui para a afirmação da igualdade de direitos e deveres, independente da diversidade.

É importante envolver o aluno de maneira que ele se sensibilize e aprenda a respeitar o outro, independentemente da situação. Dessa maneira, as aulas com conteúdos estritamente teóricos não são considerados suficientes nesse processo. Com o desenvolvimento de oficinas, os alunos têm a oportunidade de experimentar novos desafios, o que contribui para a aquisição de conhecimentos prolongados.

As oficinas funcionam como tempo-espaco para vivências, reflexões, aprendizagem e sistematização de conhecimentos, onde a partir de brincadeiras e de trocas de experiências entre os participantes, confluem pensamento, sentimento e ação. Neste tipo de experiência democrática e participativa o educador não se coloca como único detentor do conhecimento ([FIGUEIREDO et al., 2006](#)).

OBJETIVO

Diante do exposto, a presente ação de extensão teve como objetivo proporcionar, de forma lúdica e por meio de instrumentos didáticos denominados oficinas, momentos de reflexão e discussão sobre o tema preconceito para alunos de sexto ano de uma escola municipal.

METODOLOGIA

Trata-se de um relato de experiência desenvolvido com alunos do sexto ano do Ensino Fundamental de uma escola municipal na cidade de São Gabriel, Rio Grande do

Sul (RS), Brasil. A instituição atende desde alunos da Educação Infantil até aqueles do Ensino Fundamental, oriundos, em sua maioria, de famílias de baixa renda. A atividade a ser relatada faz parte de um projeto de extensão sobre educação ambiental da Universidade Federal do Pampa, campus de São Gabriel.

O projeto na escola desenvolveu-se no período da manhã, enquanto seus participantes frequentavam o ensino regular. Este projeto foi desenvolvido com alunos do 6º ano do Ensino Fundamental, no período de 30 de março a 02 de dezembro de 2015. A turma é constituída por 16 alunos, cuja faixa etária varia entre 11 e 15 anos. Os encontros com o 6º ano ocorreram quinzenalmente, às quartas-feiras, entre os horários de 10h00min e 11h45min. Foram utilizados espaços como a sala de aula e/ou o pátio da escola, bem como materiais da Universidade ou financiados pelo projeto.

Inicialmente, as atividades desenvolvidas no projeto abordaram temas relacionados à educação ambiental, com o objetivo de auxiliar na construção do conhecimento dos alunos a respeito dos recursos naturais, bem como do funcionamento integrado dos componentes do ambiente em que vivem (solo, hidrosfera, organismos vivos), promovendo, dessa maneira, uma formação com consciência ambiental. Entretanto, no transcorrer das atividades, observou-se que os alunos tinham outros interesses e necessidades. Então, foram propostos novos temas para serem trabalhados: *Bullying*, preconceito e profissões foram os escolhidos pelos alunos. Desta forma, surgiu a justificativa para a realização das oficinas.

As oficinas foram idealizadas pelos membros integrantes do projeto (três discentes do curso de Gestão Ambiental da Unipampa, fotógrafa e coordenadora do projeto) e concretizadas com quinze alunos. Para tanto, os alunos foram divididos em grupos de cinco componentes escolhidos por eles mesmos. A oficina constitui-se de três atividades (1, 2 e 3), sendo cada uma de aproximadamente 35 minutos de duração, pois acredita-se que atividades muito extensas fazem os alunos perderem o entusiasmo. A realização de cada atividade foi constituída por três etapas: o início, o desenvolvimento e a discussão. Durante o desenvolvimento, realizaram-se a montagem e a execução das oficinas. Estas foram previamente planejadas, de modo a não exceder o tempo e a minimizar problemas que pudessem ser detectados apenas durante o seu transcorrer. Os grupos fizeram rodízio nas três atividades, sendo que todos os alunos participaram de todas.

Atividade “1”: Minorias que mudaram o mundo

Na atividade “1” a monitora fez uma apresentação em sala de aula levando os alunos a conhecerem pessoas que eram/são consideradas minorias, como por exemplo, mulheres, homossexuais, negros e deficientes. Essa atividade utilizou como materiais fotos apresentadas por meio de um *notebook*.

Durante a explanação, os alunos conheceram personalidades como Malala, a menina mais jovem a ganhar o Prêmio Nobel da Paz; Stephen Hawking, um dos maiores físicos contemporâneos, reconhecido por suas teorias quânticas e astronômicas e que, devido a uma doença degenerativa, perdeu todos os movimentos do corpo; Bem Carson, um médico negro que foi o primeiro a realizar uma operação com sucesso de separação de gêmeos siameses; e Alan Turing, que era homossexual e que devido às suas descobertas no campo da computação, permitiu a construção do computador como conhecemos hoje.

Atividade “2”: Medo do desconhecido?

A atividade “2” foi desenvolvida no pátio da escola. Coube ao monitor apresentar situações desconhecidas para o grupo. Apesar das modificações, a atividade foi inspirada no material da [União dos Escoteiros do Brasil \(s/ano\)](#). Esta oficina utilizou materiais como: uma caixa de tamanho médio contendo um bombom e uma caixa de tamanho pequeno contendo bala de café e celular com músicas.

A brincadeira consistia em duas etapas (duas caixas). No interior de cada caixa havia instruções para o cumprimento de uma tarefa pela pessoa que estivesse com ela na mão, quando a música parasse de tocar. Foi ressaltado que uma caixa continha uma tarefa boa (primeira etapa) e a outra caixa (segunda etapa) continha uma tarefa não tão boa assim. Entretanto, seus participantes não foram informados sobre a ordem ou conteúdo das caixas.

Atividade “3”: Sensibilizando os participantes

A atividade “3” consistiu em uma prática adaptada, simulando uma pessoa com deficiência física: ausência do braço esquerdo (adaptação: braço esquerdo colocado dentro da blusa); pessoa com deficiência física: ausência do braço direito (adaptação: braço direito colocado dentro da blusa); pessoa vítima de acidente temporário: braço direito fraturado (adaptação: braço direito imobilizado dentro do casaco); pessoa com deficiência visual: baixa visão (adaptação: uso de óculos com lentes foscas, dificultando a visão) e pessoa vítima de acidente permanente: com amputação da perna esquerda (adaptação: fita crepe imobilizando a perna de modo que o pé não tocasse o chão).

Os alunos “adaptados” foram convidados a ir ao refeitório da escola, mas podiam solicitar o auxílio dos colegas mediante necessidade. No local, foram informados que um lanche seria oferecido a eles, porém, o lanche não estava pronto e cabia a cada um deles o seu preparo. A prática utilizou materiais como saco de pão de sanduíche, jarra com água gelada, copos descartáveis, pratos descartáveis, colheres descartáveis, facas, potes com açúcar, sacos contendo suco em pó, pote de manteiga e pote com doce de leite.

Durante a discussão das oficinas, foram comparados os resultados obtidos pelos grupos, relacionando-as ao dia-a-dia dos participantes.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Este trabalho abrangeu temáticas que muitas vezes podem ser vistas como algo distante da nossa realidade, mas que fazem parte do cotidiano escolar ([NASCIMENTO, 2010](#)): preconceito. A proposta com oficinas voltadas para o tema trouxe informações e vivências sobre as quais os alunos não tinham conhecimentos.

Durante a realização das oficinas, os alunos mantiveram-se comprometidos com as atividades, sem perder a disposição e o interesse. As discussões ocorreram principalmente nas atividades “1” e “3” que foram realizadas na sala de aula e no refeitório. Com base nisso, constata-se que a participação dos alunos não é determinada pelo espaço físico. Acredita-se que o bom resultado da realização de oficinas, quando bem planejadas, deve-se ao desenvolvimento ou reflexão sobre situações reais, independente do local.

Diferentemente das tradicionais atividades desenvolvidas no espaço escolar, em que o aluno apenas copia do quadro ou do livro, por exemplo, as oficinas criam espaços

que priorizam a prática, o diálogo e a reflexão sobre o que está sendo abordado. Surpreendentemente, os alunos demonstraram grande maturidade na execução da oficina e no entendimento da proposta, cabendo aos monitores assumir o papel de coadjuvantes, apenas orientando o grupo na construção de conhecimentos.

Atividade “1”: Esta atividade trouxe exemplos de pessoas que fazem ou fizeram parte de uma minoria e que realizaram algo que contribuiu para alguma mudança no mundo. Foram utilizados exemplos de mulheres (Françoise Barré-Sinoussi; J. K. Rowling; Malala; Marie Curie; Princesa Isabel), homossexuais (Alan Turing; Leonardo da Vinci; Shakespeare; Sócrates; Tim Cook), negros (Barack Obama; Ben Carson; Machado de Assis; Pelé); deficientes físicos (Beethoven; Lucielio Cavalcante; Stephen Hawking) e com alguma doença (Beethoven; Isaac Newton; Vincent Van Gogh).

Após a apresentação de cada caso, uma pequena discussão acerca do assunto foi realizada, procurando demonstrar que independentemente das diferenças, todos têm o seu valor e importância – e que muitas das coisas que utilizamos hoje só existem por mérito de pessoas que costuma(va)m ser alvos de pensamentos preconceituosos ou de discriminação.

Quanto à reação dos alunos, os exemplos que mais causaram espanto - e até mesmo risadas - foram os dos homossexuais. Após a apresentação dos dois primeiros, toda vez que lhes eram solicitados que tentassem adivinhar a qual grupo minoritário o exemplo trazido pertencia, os alunos respondiam prontamente, entre risadinhas, que este era gay – mesmo se não o fosse -, o que acabou se tornando uma espécie de “piada interna” entre eles. Esse comportamento surgiu em todos os grupos aos quais foram realizadas as apresentações e, majoritariamente, ocorreu entre os meninos. Entretanto, algumas meninas também tiveram a mesma reação.

Pode-se entender que o debate acerca da comunidade LGBT, bastante em voga hoje nas diferentes mídias e também na política brasileira, ainda desperta muitas reações preconceituosas - retratadas através das piadas e risadas, e, inclusive, discriminação. Enquanto com os outros grupos minoritários demonstrava-se total respeito e seriedade, com o grupo dos homossexuais não foi observado o predomínio deste comportamento respeitoso.

Outra reação interessante foi no caso da escritora da série *Harry Potter*, J. K. Rowling, pois foi dito aos alunos que esta possui os nomes iniciais abreviados para que, no começo de sua carreira, as pessoas não soubessem que se tratava de uma mulher e, assim, pudesse impulsionar as vendas. Alguns alunos, principalmente meninos, demonstraram não compreender o porquê de uma pessoa deixar de comprar um livro por ser escrito por uma mulher. Dessa maneira, foi realizada uma breve explicação sobre machismo, para que os alunos entendessem a profundidade desse debate. O fato de alunos meninos, principalmente, demonstrarem incompreensão diante de um exemplo de machismo, pode ser visto como um ótimo sinal para as próximas gerações que estão por vir, que provavelmente não se prenderão mais a alguns padrões sociológicos atuais.

Atividade “2”: Na primeira rodada (etapa), quando a música parou, o primeiro portador da caixa não teve coragem de abri-la. Quando a música voltou a tocar, o monitor comunicou-lhes que desta vez quem estivesse segurando a caixa teria que abri-la e executar a tarefa. O aluno relutou, mas acabou abrindo a caixa e lendo a mensagem escrita no interior da tampa: “Que seu preconceito acabe junto com o bombom, coma-o imediatamente!”. Com base em informação anterior, o grupo entendeu que restava-lhe apenas a caixa com uma tarefa não tão boa e que caberia a um dos 5 alunos concretizá-la. Quando foram avisados de que na próxima rodada quem estivesse segurando a caixa

teria que abri-la e realizar a tarefa, houve um “nervosismo” coletivo. Quando a música parou, o portador da caixa sentiu um alívio ao abrir a tampa e ler: “Coma a bala de café”.

Ao final da oficina, discutiu-se por que os participantes não queriam abrir as caixas, se ficaram com medo e o porquê desse temor. O monitor explicou que ter a coragem de enfrentar o novo, o desconhecido, pode trazer uma grata surpresa. Às vezes é difícil saber como agir diante de uma vítima do nosso preconceito, pois a falta de informação produz um sentimento de medo e desconforto ao lidar com situações desconhecidas. E este preconceito pode estar disfarçado sob a forma de desconhecido, podendo ser contra o negro, o branco, o estrangeiro, a mulher, o índio, pessoa vítima de uma doença, homossexuais, idosos, entre outros casos.

Atividade “3”: A “deficiência” de cada aluno foi escolhida de acordo com a ordem em que estes se voluntariaram. Ainda no pátio, após todos os participantes estarem “adaptados”, o grupo foi conduzido ao refeitório. O grupo ficou entusiasmado com a ideia do lanche, mas não contavam que o preparo caberia a eles. Como todos os materiais necessários estavam sobre a mesa, precisariam fazer o suco, passar manteiga ou doce no pão e só começar a comer o lanche quando todos tivessem concluído a sua preparação. Os participantes ficaram surpresos com o objetivo da oficina e durante o lanche já foram discutindo sobre as impressões de cada um: como se sentiram, como foi depender de alguém para coisas tão básicas em nosso dia a dia, que o acesso ao local não foi fácil, sobre as dificuldades no preparo do lanche e a importância de se colocar no lugar do outro.

Sabe-se que esta proposta (atividade “3”), por si só, não formará cidadãos conscientes, mas serviu para demonstrar que oficinas são instrumentos extremamente proveitosos, ao permitir que os alunos vivenciem adversidades na prática capazes de despertar, estimular e desenvolver o espírito crítico naqueles que delas participam. Essas adversidades podem nem sempre estar presentes em nosso dia a dia, como por exemplo, deficientes visuais, físicos, auditivos ou intelectuais. Porém, há casos mais comuns, como o dos idosos, que devido à idade avançada, perdem agilidade na execução de tarefas, bem como a audição e a visão, além do fato de que qualquer pessoa (independente da idade) pode ser vítima de um acidente temporário, como quebrar o braço ou a perna.

Apesar do preconceito ainda ser uma temática pouco abordada no espaço escolar, é um assunto de grande importância na atualidade e sua abordagem pode contribuir para a formação de indivíduos mais éticos e respeitosos. A grande maioria aceitou bem a proposta de vivenciar uma situação diferente daquelas com as quais estão acostumados, refletindo sobre ações que parecem tão básicas no dia a dia - como tomar um café ou ir de um lugar a outro -, mas que para o deficiente pode ser um grande desafio.

Neste sentido, em relação ao preconceito racial, [Coqueiro \(2008\)](#) afirma a necessidade de um ambiente escolar em que haja ações práticas concretas e estratégias de intervenção para a valorização do negro, objetivando diminuir este tipo de preconceito na escola. [Joras et al. \(2014\)](#), por exemplo, citam a importância da dança como uma forma de manter e resgatar as raízes africanas sem perder o respeito por seus valores culturais.

Em um projeto sobre gênero e sexualidade com alunos do Ensino Médio [Santos, Santos e Souza \(2013\)](#) observaram que as atividades realizadas (entrevista com familiares, filme e dinâmica com discussões a respeito dos temas propostos) foram uma forma de intervenção que possibilitou o diálogo e, inclusive, a mudança de opinião de alguns alunos sobre estes temas. Os autores concluíram que as atividades realizadas

contribuíram para o entendimento das múltiplas formas de pensar e viver os gêneros e as sexualidades.

É inegável a necessidade de ações de conscientização e sensibilização capazes de ultrapassar os muros da escola. Com isso, os participantes foram instigados a tornarem-se multiplicadores, comentando a experiência das oficinas com seus pais, irmãos, amigos e familiares, propiciando mais discussões e novas reflexões sobre o assunto.

Ao final do ano letivo, concomitantemente com o final das atividades deste projeto e 30 dias após a realização das oficinas, optou-se pela aplicação de um questionário com a turma para avaliar as diferentes atividades realizadas no projeto. Surpreendentemente, as oficinas sobre preconceito foram citadas como as atividades de que eles mais gostaram.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As oficinas desenvolvidas pelos discentes do curso de Gestão Ambiental da Unipampa sobre preconceito tiveram grande receptividade por parte dos alunos do sexto ano, possibilitando-lhes refletir e discutir este assunto no ambiente escolar.

Visivelmente, a grande maioria dos alunos compreendeu a importância da atividade e relacionou a prática com o cotidiano. Os alunos, em todas as oficinas, apresentaram resultados muito satisfatórios com relação à proposta, prestando atenção nas instruções, participando ativamente de todas as etapas refletindo de modo crítico sobre as suas descobertas.

SUBMETIDO EM 30 mar. 2015

ACEITO EM 6 fev. 2016

REFERÊNCIAS

COQUEIRO, E.A. **A naturalização do preconceito racial no ambiente escolar: uma reflexão necessária.** Curitiba: UFPR, 2008. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1838-6.pdf>>. Acesso em 23 mar. 2016.

FIGUEIREDO, M. A. C. et al. . Metodologia de oficina pedagógica: uma experiência de extensão com crianças e adolescentes. **Revista Eletrônica Extensão Cidadã**, João Pessoa, v. 2, p.1-2, 2006. Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/extensaocidada/article/view/1349/1022> . Acesso em 23 mar. 2016.

JORAS, C.M. et al. . Preconceito racial: nas escolas e as alternativas para recorrer a mudanças e igualdades étnicas. In: MOSTRA CIENTÍFICA DO CESUCA, 8., 2014, Cachoeirinha. **Anais...** Cachoeirinha: Faculdade INEDI, 2014.

BRASIL. Ministério da Educação (MEC); INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS (INEP). **Projeto de estudo sobre ações discriminatórias no âmbito escolar, organizadas de acordo com áreas temáticas, a saber, étnico-racial, gênero, geracional, territorial, necessidades especiais, socioeconômica e**

orientação sexual. São Paulo, 2009. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/relatoriofinal.pdf>>. Acesso em: 23 mar. 2016.

NAPOLITANO, C. J.; CARDOSO, C. M. Preconceito não é legal: a intolerância e a lei. Bauru: UNESP, 2007. Disponível em: <<http://www4.faac.unesp.br/extensao/convidiversidade/cartilha.pdf>>. Acesso em 23 mar. 2016.

NASCIMENTO, A. E. J. Educação e preconceito racial no Brasil: discriminação no ambiente escolar. In: ENCONTRO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM ALAGOAS, 5., 2010, Alagoas. **Anais...** Alagoas: UFAL, 2010.

SANTOS, I. L.; SANTOS, B. R.; SOUZA, M. L. Desconstruindo preconceitos na escola: instigando educandos (as) e educadores (as) para as temáticas de gênero e diversidade sexual. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL ENLAÇANDO SEXUALIDADES, 3., 2013, Salvador. **Anais...** Salvador: UNEB, 2013.

UNIÃO DOS ESCOTEIROS DO BRASIL. Jogos e dinâmicas de grupo: pessoa com Deficiência. Curitiba: União dos Escoteiros do Brasil, 2005. Disponível em: http://escoteiros.org.br/arquivos/jogos/jogos_e_dinamicas_de_grupo-pessoa_com_deficiencia.pdf>. Acesso em: 23 mar. 2016.